SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Relatos de Pesquisa

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e14435

O que há por trás das telas? Mídias digitais e maternidade

What's behind the screens? Digital media and motherhood

¿Qué hay detrás de las pantallas? Medios digitales y maternidad

Qu'y a-t-il derrière les écrans? Médias numériques et maternité

Fernanda Martins Marques*
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-5424-3513

Giana Bitencourt Frizzo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-8106-4441

Como citar
Marques, F. M., & Frizzo, G. B. (2026). O que há por trás das telas? Mídias digitais e maternidade. *Revista Subjetividades, 26*(1), 1-13. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e14435

Histórico de publicação
Submetido em: 26/04/2023 **Aceito em:** 10/10/2025 **Publicado em:** 21/01/2026

Resumo

O objetivo deste estudo longitudinal e qualitativo, com fundamento na perspectiva psicanalítica, foi compreender as práticas maternas em relação às mídias digitais ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia de COVID-19. Participaram 22 mães que tinham filhos entre 5 e 33 meses de idade na primeira etapa da pesquisa e entre 32 e 60 meses na segunda fase. A partir da análise temática reflexiva de entrevistas semiestruturadas, encontrou-se que as telas assumiram diferentes funções na maternidade. O lugar de substitutas temporárias dos cuidadores foi ampliado durante a pandemia, enquanto o lugar de auxílio nas tarefas de cuidados da criança foi mais enfatizado na primeira coleta. Não se observaram mudanças expressivas em relação ao lugar de escape, em momentos de sobrecarga emocional. Nesse contexto, o uso de telas esteve associado à necessidade de adaptação materna a mudanças decorrentes do desenvolvimento infantil. Por fim, a intervenção na primeira infância, com atenção às necessidades das mães, é uma das implicações práticas do estudo.

Palavras-chave: maternidade, mídias digitais, primeira infância, psicanálise, COVID-19.

Abstract

Based on the psychoanalytic perspective, the objective of this longitudinal and qualitative study was to understand mothers' digital media practices throughout early childhood, before and during Covid-19 pandemic. Participants were 22 mothers who had children aged between 5 and 33 months in the first stage of the research and between 32 and 60 months in the second stage. From a reflexive thematic analysis of semi-structured interviews, it was found that digital media assumed different functions in motherhood. The place of "prosthesis" in the absence of caregivers was expanded during the pandemic, while the place of assistance in childcare tasks was more emphasized in the first stage of the research. No expressive changes were observed in relation to the place of escape in moments of emotional overload.

***Autora Correspondente**
E-mail: fernandamartinsmarques@outlook.com

CC BY NC

Digital media use was associated with maternal need of adaptation to child development. Early childhood intervention, with attention to the mothers' needs, is one of the practical implications of the study.

Keywords: *motherhood, digital media, early childhood, psychoanalysis, COVID-19.*

Resumen

Con base en la perspectiva psicoanalítica, el objetivo de este estudio longitudinal y cualitativo fue comprender las prácticas maternas en relación con los medios digitales a lo largo de la primera infancia, antes y durante la pandemia de Covid-19. Participaron 22 madres que tenían hijos entre 5 y 33 meses en la primera etapa de la investigación y entre 32 y 60 meses en la segunda etapa. A partir de un análisis temático reflexivo de entrevistas semiestructuradas, se constató que las pantallas asumieron diferentes funciones en la maternidad. El lugar de la "prótesis" en ausencia de los cuidadores se amplió durante la pandemia, mientras que el lugar de la asistencia en las tareas de cuidado del niño fue más enfatizado en la primera etapa. No se observaron cambios expresivos con relación al lugar de escape en momentos de sobrecarga emocional. El uso de pantallas se asoció a la necesidad de adaptación materna a los cambios derivados del desarrollo infantil. La intervención en la primera infancia, con atención a las necesidades de las madres, es una de las implicaciones prácticas del estudio.

Palabras clave: *maternidad, medios digitales, niñez temprana, psicoanálisis, COVID-19.*

Résumé

S'appuyant sur la perspective psychanalytique, l'objectif de cette étude longitudinale et qualitative était de comprendre les pratiques maternelles par rapport aux médias numériques tout au long de la petite enfance, avant et pendant la pandémie de Covid-19. Les participants étaient 22 mères qui avaient des enfants âgés entre 5 et 33 mois dans la première étape de la recherche et entre 32 et 60 mois dans la deuxième étape. À partir d'une analyse thématique réflexive d'entretiens semi-structurés, il a été constaté que les écrans assumaient des fonctions différentes dans le maternité. La place de la "prothèse" en l'absence de soignants a été élargie pendant la pandémie, tandis que la place de l'aide dans les tâches de garde a été davantage mise en avant dans le premier étape. Aucun changement expressif n'a été observé par rapport au lieu d'évasion dans les moments de surcharge émotionnelle. L'utilisation d'écrans était associée à la nécessité d'une adaptation maternelle aux changements résultant du développement de l'enfant. L'intervention pendant la petite enfance, en tenant compte des besoins des mères, est l'une des implications pratiques de l'étude.

Mots-clés : *maternité, médias numériques, petite enfance, psychanalyse, COVID-19.*

Introdução

Apesar da diversidade de configurações familiares, do cuidado compartilhado e do rompimento com o binarismo de gênero, que caracterizam o exercício das funções parentais na atualidade (Campana & Gomes, 2019; Cherer et al., 2018), as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos na maioria das sociedades (Craig & Mullan, 2011), principalmente durante os primeiros anos de vida (Wikle & Cullen, 2023). Assim, tornar-se mãe é um processo longo e complexo, que envolve diversas transformações psicológicas e do ambiente, provocando um grande impacto emocional (Borsa, 2007; Piccinini et al., 2008).

Winnicott (1945/1993, 1951/1993, 1956/1993) faz referência à função essencial da figura materna[1] no processo de constituição psíquica do ser humano. É sua presença viva e constante, exercendo as funções de *holding*, *handling* e apresentação de objetos, que fornece a vivência de continuidade ao bebê, possibilitando a ele trilhar o percurso da dependência absoluta e da fusão emocional com a mãe até a independência, sempre relativa (Winnicott, 1960/2011, 1963/1983). Ao sustentar, apresentar, tocar e nomear o corpo do bebê, a mãe contribui para o processo de personalização, que consiste na inter-relação da mente com o corpo, tornando o bebê, gradativamente, capaz de contornar os limites entre o eu e o não-eu (Winnicott, 1960/2011). Os momentos da rotina que envolvem práticas de cuidado são essenciais nesse sentido, além de serem excelentes oportunidades para a comunicação, para o vínculo e para o brincar espontâneo com a criança (Brazelton, 1994; Goldschmied & Jackson, 2006).

[1] No referencial teórico psicanalítico contemporâneo, as funções materna e paterna são compreendidas como operações fundantes do psiquismo. Elas abrangem o cuidado, a educação e a responsabilização pelas novas gerações, podendo ser desempenhadas por diferentes agentes, independentemente do gênero ou do tipo de configuração familiar, desde que exista um vínculo contínuo e próximo com a criança (Iaconelli, 2021; Serralha, 2017).

À medida que o bebê cresce, a figura materna, como ambiente facilitador do seu desenvolvimento emocional, precisa, constantemente, adaptar-se às suas necessidades, que são alteradas em decorrência dos processos de maturação (Winnicott, 1945/1993, 1960/2011, 1963/1983), com aquisições na cognição, na motricidade, na linguagem e na socialização, além de maior independência dos pais ao longo da primeira infância (Bassols et al., 2013; Lopes et al., 2012). A conquista da capacidade de locomoção, por exemplo, dá ao bebê a possibilidade de se afastar e de se aproximar, podendo escolher entre cooperar ou resistir em todos os momentos que fazem parte da sua rotina (Brazelton, 1994; Goldschmied & Jackson, 2006), trazendo novos desafios às mães. O processo de amadurecimento emocional da criança em direção à independência relativa da figura materna, que tem lugar nos primeiros anos de vida, traz consigo ambivalência e negativismo, sendo comuns os acessos de raiva diante de frustrações (American Academy of Pediatrics [AAP], 2009; Brazelton, 1994; Goldschmied & Jackson, 2006). Todos esses impasses internos e externos que se apresentam às mães, somados às exigências de disponibilidade e de adaptação à criança, podem se tornar exaustivos em alguns momentos, contrapondo a experiência de ser mãe à imagem idealizada de uma maternidade livre de falhas e sentimentos ambivalentes, que ainda é difundida nos discursos e no imaginário social (Pesce & Lopes, 2020).

As mães também precisam lidar com questões próprias da cultura e do momento histórico e social em que vivem. Na contemporaneidade, a presença maciça das mídias digitais[2], as chamadas telas, na rotina das famílias, constituem um grande desafio à maternidade. É importante mencionar que a exposição a esses dispositivos nos primeiros anos de vida está condicionada à iniciativa de sua oferta por parte dos adultos (Azevedo et al., 2022; Mallmann & Frizzo, 2019) e o padrão de uso excessivo pode iniciar de forma precoce, mantendo-se moderadamente estável já entre os dois e os três anos (Coyne et al., 2022). Portanto, as práticas maternas em relação às mídias digitais são fundamentais na relação que bebês e crianças pequenas estabelecem com essas tecnologias.

Ademais, as mães também exercem um importante papel na redução dos efeitos negativos das mídias digitais, ao moderar o tempo de exposição, monitorar o uso feito pela criança, disponibilizar conteúdo educacional e promover interações de qualidade com os filhos durante o uso de telas (Rocha & Nunes, 2020). Mallmann et al. (no prelo) observaram que as mães participantes de seu estudo foram capazes de desempenhar as funções de *holding, handling* e apresentação de objetos (Winnicott, 1960/2011) de modo sensível às necessidades do bebê, mesmo em interações permeadas pelas tecnologias. No entanto, as autoras enfatizam que, para isso ocorrer, as mídias digitais não devem assumir, reiteradamente, o lugar do cuidado provido ao bebê, sendo também necessário um ambiente tecnológico suficientemente bom, com atenção ao tempo de uso e à forma de exposição, ao tipo de mídia digital e ao conteúdo acessados, ao motivo da oferta e às reações do bebê ao uso (Mallmann et al., no prelo).

Atualmente, as mídias digitais estão integradas às práticas maternas diárias e à criação dos filhos (Lev et al., 2018), sendo, muitas vezes, utilizadas de modo a atender às necessidades das mães (Lev et al., 2018; Mallmann & Frizzo, 2019), como para descansar ou para realizar tarefas domésticas (Azevedo et al., 2022; Mallmann & Frizzo, 2019). As mães também podem usar as telas no intuito de acalmar a criança em momentos de alterações no comportamento infantil, como na aquisição de maior mobilidade, na autonomia e nos deslocamentos pelo ambiente (Cost et al., 2020), bem como no período do desenvolvimento infantil, em que são frequentes o negativismo e as crises de raiva diante de frustrações (AAP, 2009; Azevedo et al., 2022).

O uso por necessidade materna se tornou ainda mais evidente durante a pandemia de COVID-19. Nesse período, devido ao distanciamento social, as crianças ficaram sem acesso a escolas, a atividades esportivas e a espaços de lazer, e as desigualdades de gênero na divisão do trabalho doméstico e do cuidado com crianças, idosos e doentes, intensificaram-se (Barroso & Gama, 2020; Guimarães & Daou, 2021; Silva et al., 2022), resultando em sobrecarga e em maiores níveis de estresse para as mães, quando comparadas aos pais (Painter et al., 2023). Ao analisarem os discursos de mulheres mães no contexto da pandemia no Brasil, com base no referencial psicanalítico, Silva et al. (2022) encontraram uma forte alusão à temática do desamparo, às experiências de solidão, de impotência, de ausência de ajuda e de recursos. Esse cenário pode ter desdobramentos nas práticas maternas em relação às mídias digitais. Alguns estudos indicaram uma associação entre sintomas de transtornos mentais comuns (ansiedade e depressão) nas mães e maior exposição às mídias digitais na primeira infância, durante a pandemia no Brasil, bem como mudanças no padrão de uso, com aumento no tempo de exposição e inserção de novos dispositivos na rotina da criança (Pedrotti et al., 2022; Riter, 2021).

Apesar disso, ainda existem poucas pesquisas que investigam qualitativamente as práticas maternas em relação às mídias digitais (Lev et al., 2018; Lev & Elias, 2020; Mallmann et al., 2020), especialmente quando se trata de investigações longitudinais que considerem estabilidades e mudanças nessas práticas, ao longo do desenvolvimento infantil, antes e durante a pandemia da COVID-19. Apesar do arrefecimento da pandemia, o período se mostrou um estressor de grande impacto nas famílias, cujas repercussões para o desenvolvimento da atual geração de crianças ainda não são amplamente conhecidas. Além disso, há uma escassez de estudos empíricos baseados no referencial psicanalítico que abordem esse

[2] Mídias digitais são dispositivos, formatos e métodos de comunicação que transmitem conteúdo por meio de sinais digitais, a exemplo da *Internet*, da TV e das redes de computadores. Aplicativos móveis, redes sociais, videogames, fotos e vídeos digitais, e-books e s*martphones*, entre outros, também podem ser citados como exemplos de mídias digitais (American Psychological Association [APA], 2019).

tema. Portanto, o objetivo da pesquisa foi compreender as práticas maternas relacionadas às mídias digitais, como essas práticas se modificam ou se mantêm ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia da COVID-19.

Método

Participantes

As participantes do estudo provêm de um projeto mais amplo, intitulado "[suprimido]"[3], cujos critérios de inclusão eram: ter mais de 18 anos e ser a principal cuidadora de bebês com até 36 meses, saudáveis e nascidos a termo. Participaram 22 mães (Etapa 1: M = 32.9, DP = 4.52 e Etapa 2: M = 35.6, DP = 4.47), que tinham bebês entre cinco e 33 meses na primeira etapa da coleta de dados (M = 16.6, DP = 9.34, 72.7% meninas), realizada entre 2018 e 2019, e entre 32 e 60 meses na segunda etapa (M = 45.9, DP = 8.4), ocorrida ao longo do segundo semestre de 2021, durante a pandemia. Todas as participantes eram brancas, habitantes das capitais e regiões metropolitanas das Regiões Sul e Sudeste do Brasil. A maioria residia com o companheiro (90,9%), trabalhava (68,1%) e estava em distanciamento social durante a coleta de dados realizada na pandemia (63,6%). A Tabela 1 apresenta mais dados sociodemográficos das mães e crianças.

Tabela 1

Dados sociodemográficos de mães e crianças

Característica	N	%
Renda familiar (valor à época da primeira coleta de dados)		
De 1 a 6 salários-mínimos	9	40,9%
De 6 a 12 salários-mínimos	8	36,4%
Acima de 12 salários-mínimos	5	22,7%
Escolaridade materna		
Pós-Graduação	10	45,5%
Superior Completo	8	36,4%
Superior Incompleto	4	18,2%
Faixa etária da criança na Etapa 1		
5 a 12 meses	10	45,5%
13 a 24 meses	6	27,3%
25 a 33 meses	6	27,3%
Faixa etária da criança na Etapa 2		
32 a 36 meses	3	13,6%
37 a 48 meses	13	59,1%
49 a 60 meses	6	27,3%
Perda de rede de apoio durante a pandemia*		
Creche ou escola	17	77,3%
Familiares e/ou amigos (avós, tios, padrinhos, vizinhos)	8	36,4%
Babá	5	22,7%
Não contavam com rede de apoio na pré-pandemia	3	13,6%

***Nota:** uma mesma participante pode ter perdido mais de uma rede de apoio

Delineamento

O estudo é descritivo, exploratório, longitudinal e qualitativo (Robson, 2002).

Considerações Éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética [suprimido] (CAAE: suprimido). As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) nas duas etapas de coleta de dados.

[3] Mais detalhes sobre esse projeto podem ser encontrados em [suprimido].

Instrumentos e Procedimentos

As participantes tiveram acesso à divulgação da pesquisa nas redes sociais e responderam ao Questionário de Dados Sociodemográficos [suprimido] de forma on-line e autoaplicada, por meio da plataforma *SurveyMonkey*, nas duas fases da coleta de dados. Elas também responderam à Entrevista sobre Interação Familiar com Uso de Tecnologias: Etapa 1 e Etapa 2 [suprimido]. Na Etapa 1, as entrevistas foram presenciais e realizadas [suprimido], e o roteiro da entrevista continha perguntas sobre o uso que mães e crianças faziam das mídias digitais, o que pensavam sobre elas, quais suas vantagens e desvantagens. Na Etapa 2, em função da pandemia, as mães responderam à entrevista por meio de chamada de vídeo na plataforma *Google Meet* e, além das questões já existentes no roteiro da primeira entrevista, foram acrescentadas perguntas sobre mudanças na rotina da família e no uso de mídias digitais durante a pandemia, bem como sobre a experiência da maternidade e a história da criança. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas pelas pesquisadoras do projeto.

Análise dos Dados

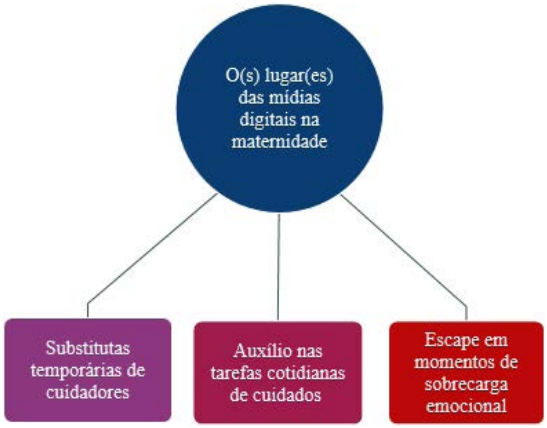
Os textos derivados da transcrição das entrevistas foram analisados com o auxílio do *software* QSR NVivo versão 1.5.1 (QSR International, 2021) por meio das seis etapas da análise temática reflexiva, propostas por Braun et al. (2019), que utilizam a abordagem indutiva dos dados e a construção de temas e subtemas. Esse tipo de análise é indicado em pesquisas sobre práticas e comportamentos das pessoas (Braun & Clarke, s.d.) e, portanto, é adequado aos objetivos do estudo. Buscou-se a integridade metodológica das análises por meio de alguns critérios de qualidade para estudos qualitativos (Levitt et al., 2018): descrição detalhada e em profundidade dos resultados, ilustrações de falas das participantes, indicando fundamentação dos achados em evidências e fornecimento de informações contextuais relevantes para a compreensão dos resultados, como dados sociodemográficos. Além disso, foram realizadas supervisões periódicas com uma pesquisadora experiente em análise temática reflexiva, conforme sugerido por Braun e Clarke (s.d.).

Resultados e Discussão

No processo de análise temática reflexiva, identificou-se um padrão significativo e recorrente nos dados: o de que as telas assumem variadas funções na maternidade, ao longo da primeira infância, e, por essa razão, estão incluídas nas práticas maternas. Esse padrão foi definido como tema central e nomeado como "O(s) lugar(es) das mídias digitais na maternidade". A partir dele, foram construídos três subtemas, de modo a detalhar e interpretar essas funções (Figura 1), os quais serão apresentados e discutidos a seguir. Cada um deles será ilustrado por trechos das falas das mães, acompanhadas pelo código identificador da participante, pela idade da criança em meses e pela etapa da pesquisa em que ocorreram, por exemplo: M229, Cr37m, 2 (Participante 229, criança com 37 meses, Etapa 2). Também serão consideradas as estabilidades e mudanças de cada subtema nos dois pontos da coleta de dados.

Figura 1

Tema e subtemas construídos.



Substitutas temporárias dos cuidadores

Esse subtema abrange falas das participantes que tratam das telas funcionarem como substitutas temporárias dos cuidadores. Isso ocorre quando as mães estão envolvidas em outras atividades que não envolvem a atenção à criança:

> Tem momentos em que a gente tá sozinha com a criança e que a gente acaba usando esses subterfúgios, digamos assim, que no planejamento ideal a gente não gostaria de utilizar. Então, às vezes tu precisa ir no banheiro sozinha, às vezes tu precisa fazer a comida, então a gente acaba recorrendo a essas, essas ferramentas, digamos assim (M214, Cr30m, 1).

Certas falas deixam claro que as mídias digitais são empregadas por algumas mães devido ao acúmulo de tarefas e à falta de outros cuidadores, bem como de uma rede de apoio que as auxiliem nas tarefas de cuidado doméstico e dos filhos: "Daí, como eu sou sozinha, eu tenho que fazer também rotina de casa, banho, então eu entro um pouquinho nessa rotina, que é onde ele usa tecnologia, assim. Que daí ele fica ou na televisão, ou com celular" (M234, Cr43m, 2).

Na segunda etapa da pesquisa, sobressaíram-se falas sobre o uso de telas, de modo a liberar as mães para realizarem suas atividades profissionais no contexto da pandemia:

> Mudou que o trabalho veio pra dentro de casa, né? [...] E em algum momento em que ela [a filha] não se encaixava, eu acabava fazendo uso de alguma coisa [de telas] pra entreter ela, porque eu tinha que estar mais focada ali, numa reunião [...] aí eu acabava cedendo um pouquinho mais pra desenhos (M230, Cr32m, 2).

Em alguns casos, foi apenas durante a pandemia que as mães passaram a ter a prática de oferecer telas na ausência de cuidadores, acarretando um maior uso pela criança, algo que não ocorria anteriormente: "A gente praticamente nunca utilizava assim, era bem difícil. Ela nem sabia que televisão era televisão antes de começar a pandemia, aí a gente começou a ligar a televisão por falta de alternativa mesmo pra gente conseguir trabalhar" (M203, Cr40m, 2).

Diversos estudos já se referiram ao uso de telas por crianças pequenas como uma alternativa para que as mães fossem liberadas para outras atividades (Azevedo et al., 2022; Mallmann & Frizzo, 2019). O que a leitura de alguns relatos acima tornou evidente, no entanto, foi a existência de um lugar vazio deixado pela ausência, não só das mães, mas também de outros cuidadores próximos e de laços comunitários e sociais que amparassem o cuidado à criança. Portanto, esses resultados demonstram que o uso de telas na primeira infância pode ser um sintoma da ausência de rede de apoio no cuidado à criança.

Ainda que o objetivo do estudo não fosse quantificar cada subtema, ressalta-se que, na segunda fase da coleta de dados, o lugar das substitutas temporárias dos cuidadores foi ampliado nos relatos das mães (Tabela 2). Esse resultado provavelmente tem relação com o contexto da pandemia, pois a maioria das famílias perdeu o acesso a pessoas e instituições que constituíam seu amparo no cuidado à criança (Tabela 1). Alguns estudos já apontaram que, nesse cenário, as mães ficaram sobrecarregadas com o acúmulo de tarefas, devido a desigualdades de gênero na divisão de atividades domésticas e de cuidado com filhos, doentes e idosos (Barroso & Gama, 2020; Guimarães & Daou, 2021), o que ocasionou a maior necessidade de se recorrer às telas (Pedrotti et al., 2022).

É importante refletir, a partir da psicanálise, acerca dos efeitos subjetivos para a criança diante desse lugar ocupado pelas mídias digitais na maternidade. Quanto a esse aspecto, pode ocorrer a eliminação do tempo criativo de invenção de um substituto para a ausência do outro, visto que o emprego das telas transforma as situações de espera em momentos de ocupação (Dunker, 2017). As constantes tentativas de tamponamento da indisponibilidade dos adultos por meio das mídias digitais também podem ser vivenciadas pela criança, como reiteradas situações de separação, despertando, consequentemente, frequentes sentimentos de abandono (Mendes, 2015).

Tabela 2

Frequência absoluta e relativa dos subtemas nas duas etapas do estudo

Subtemas	Etapa 1	Etapa 1 (%)	Etapa 2	Etapa 2 (%)
Substitutas temporárias dos cuidadores	26	30,59%	71	70,3%
Auxílio nas tarefas de cuidados	50	58,82%	21	20,8%
Escape em momentos de sobrecarga emocional	9	10,59%	9	8,9%
Total	85	100%	101	100%

Auxílio nas tarefas cotidianas de cuidados físicos e emocionais da criança

Nesse subtema, agrupam-se falas que retratam as mídias digitais sendo empregadas pelas mães para facilitar e/ou viabilizar a execução das tarefas de cuidados físicos e emocionais da criança: para acalmar, para dormir, na troca de fraldas,

no banho, nos momentos de alimentação etc.: "Agora, né, quando ela ficou doentinha, teve uma noite que ela não dormia de jeito nenhum, a gente tentou usar um vídeo como alternativa, assim" (M207, Cr14m, 1). "Eu uso mais, assim, se ela tá chorando, chorando, chorando [...] que é mais pra acalmar ela" (M231, Cr9m, 1).

Os relatos da primeira etapa da pesquisa expõem que o período de introdução alimentar se mostrou particularmente sensível,l para que, em alguns casos, as mães utilizassem as mídias digitais em momentos de alimentação:

> Também porque ela teve uma introdução alimentar [...] não que seja difícil, mas como ela mama muito no peito, ela deixava de comer pra mamar, então dava pra ver que [...] a televisão distraía ela enquanto eu conseguia alimentar ela, se não ela parava de comer e vinha pra mamar, assim [...] (M205, Cr16m, 1).

> Agora que ela começou com a introdução alimentar, às vezes ela tá olhando o DVD na cadeirinha no chão, assim, enquanto eu dou a frutinha... Às vezes acontece, que é meio pra ajudar, pra comer meio distraída, e comer uma quantidade maior, mas [...] não é sempre, é alternado, assim […] (M219, Cr7m, 1).

Na segunda etapa do estudo, observou-se que, em um desses casos, a prática materna de utilizar telas durante a alimentação se manteve presente: "Ela usa mais vezes quando a gente vai comer fora, né, na hora do almoço, tipo, em que eu quero almoçar e às vezes é uma solução dar o celular 'pra' ela ficar olhando [...]" (M219, Cr36m, 2).

No outro caso, no entanto, essa prática se modificou:

> Antes, ela fazia as refeições assistindo o desenho, há um tempão atrás, aí a gente estabeleceu que não, porque ela não prestava atenção, não comia direito, enfim. Aí a gente deixa só no final de semana, quando é mais descontraído, mais leve [...] (M205, Cr47m, 2).

A trajetória do caso 219 sugere que o período de introdução alimentar pode ser um momento importante para intervenções que busquem prevenir a exposição a telas durante as refeições na primeira infância, já que essa prática materna se manteve com o passar do tempo. Por sua vez, a trajetória do caso 205 mostra que a sensibilidade da mãe às reações da criança, frente a esse tipo de uso, promoveu mudanças nas práticas maternas ao longo do tempo.

Algumas vinhetas convocam a refletir sobre a forma como as mídias digitais são empregadas pelas mães nas tarefas cotidianas de cuidado físico e emocional. Em certos relatos, a criança aparece engajada na atividade:

> Então, às vezes, eu pego o celular pra ele se acalmar, assim, e fico mostrando fotos dos colegas dele. Aí ele para. E ele fica olhando, assim, "os meus bebês", ele fala [...] aí eu fico perguntando: "quem é esse?", aí ele vai falando e acalmando [...] assim. Aí eu falo "ah, agora a mamãe vai cantar, vai te abraçar, vamos fazer caverna", que a gente faz caverna com a mão, assim, aí ele vai se acalmando [...] (M211, Cr37m, 2).

> Isso, tá numa fila, tá esperando, né [...] ela tá numa fase de muita exploração, ela adora explorar tudo, aí nesses momentos eu uso, se eu 'tô' com o celular ali, aí "bah" rapidinho, né, boto uma musiquinha, um DVD, uma coisinha que chame a atenção dela. Mas sempre interagindo, nunca deixando só ela ver, assim, sem outro estímulo externo, né (M232, Cr18m, 1).

A análise desses relatos revela práticas maternas que se aproximam do que Mallmann et al. (no prelo) denominam ambiente tecnológico suficientemente bom, visto que o uso se dá na interação com a mãe, que se mostra sensível às reações da criança, empregando as telas a favor de suas necessidades. São relatos em que o uso de mídias digitais aparece acompanhado da comunicação, do vínculo e do brincar espontâneo com a criança.

Em outras falas, no entanto, lê-se que as telas são utilizadas pelas mães no intuito de que a criança ofereça passivamente o seu corpo para a realização das atividades de cuidado:

> Algumas vezes, na hora da alimentação, eu tenho que usar, porque daí ela fica assistindo e eu consigo fazer ela comer. Porque em alguns momentos ela não quer comer comida e ela [...] só quer brincar e não quer comer. E aí, eu tenho que fazer ela fixar alguma coisa, pra eu poder fazer ela comer (M231, Cr36m, 2).

Considerando a importância dos momentos da rotina que englobam o cuidado para o processo de personalização, a inter-relação da mente com o corpo, o contorno dos limites entre o eu e o não-eu e o processo de amadurecimento emocional da dependência absoluta à independência relativa (Winnicott, 1960/2011, 1963/1983), é importante sobre os efeitos desse tipo de uso de mídias digitais, já que, quando frequente, contribui para transformar os corpos infantis em objetos a serem manipulados, tirando o sujeito de cena, e fazendo com que a criança vivencie passivamente essas experiências.

O relato a seguir, marcado pelo sentimento de urgência da mãe ao realizar uma tarefa cotidiana de cuidado– momento em que ela recorre às telas –, também suscita algumas reflexões:

> Semana passada tava super ok, ela deitava pra trocar fralda quando a gente chamava. Agora, essa semana, cada troca de fralda uma briga, não quer deitar, não quer trocar, e daí, às vezes, o celular ajuda. Ontem nem o celular ajudava, era muita

> conversa, bastante conversa. Pra ver que às vezes a gente vai pro celular porque é o caminho mais fácil, porque ontem ela não queria o celular, aí eu tinha que achar outras coisas, só que aí demanda muito mais tempo. Na verdade, fica que "ah não posso perder tempo, não posso perder tempo", mas né, tem que [...] (M230, Cr32m, 2).

Ao relatar à entrevistadora sobre a prática de oferecer telas à filha durante a troca de fraldas, a mãe percebeu que recorre ao celular por ser uma alternativa mais rápida e mais fácil de lidar com o negativismo da menina. Na análise das entrelinhas desse relato, cabem algumas questões: por que esse sentimento de "não poder perder tempo"? Que tipo de demandas estão colocadas sobre essa mãe, a ponto de ela considerar o tempo dedicado ao cuidado da criança como perdido? Quais os efeitos da exigência de que os pequenos se adaptem às necessidades e à velocidade do mundo dos adultos, justamente em um momento do desenvolvimento, no qual o olhar dirigido às crianças é fundamental, pois precisam ter respeitados seus ritmos corporais, sua necessidade de contato e intimidade (Gutman, 2013; Jerusalinsky, 2017; Winnicott, 1945/1993, 1960/2011)?

Conforme ressalta Jerusalinsky (2017), é simples demais a postura de criticar, culpar ou desculpabilizar as mães em relação a uma performance sobre a exposição infantil às telas, já que isso envolve "eximir-se da responsabilidade coletiva de pensar de que modo se está sustentando o cuidado das crianças, pois a relação dos pais e dos bebês não ocorre de forma isolada, mas atravessada pelos ideais sociais" (p. 49). Em relação a esses ideais, Hoewell (2022), em seu trabalho sobre maternidade e trabalho no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil, discute a urgência presente no discurso social contemporâneo quanto à produtividade e ao atendimento, de modo eficiente, de todas as demandas, que sobrecarrega mulheres que são mães e que desempenham diferentes papéis na sociedade. Desse modo, o uso de telas para facilitar, ou acelerar, a execução das atividades cotidianas de cuidado com a criança parece auxiliar na manutenção da ilusão de que é possível às mães darem conta de tudo rapidamente, como demonstrado nessa vinheta.

Os relatos expostos nesse subtema evidenciam que a introdução alimentar, a aquisição de maior mobilidade pela criança – com a consequente necessidade de exploração dos espaços – e o negativismo típico do período de transição rumo à independência relativa emocional apareceram associados ao emprego das telas pelas mães nas atividades cotidianas de cuidados físicos e emocionais das crianças. Esses dados confirmam achados de estudos anteriores (Azevedo et al., 2022; Cost et al., 2020) e indicam que as mídias digitais utilizadas se relacionam com a necessidade de as mães se adaptarem a mudanças no comportamento infantil, decorrentes dos processos de desenvolvimento, mas também com valores culturais presentes na sociedade contemporânea, que, como dito, sobrecarregam as mães, a partir da expectativa de que sejam eficientes, produtivas e deem conta de tudo rapidamente (Hoewell, 2022).

Longitudinalmente, na segunda fase da coleta de dados (Tabela 2), houve uma redução na expressividade desse subtema nos relatos das mães. É possível que esses resultados tenham relação com o desenvolvimento infantil, que propicia maior independência e autonomia à criança, atenuando as demandas de cuidado constante nos primeiros anos de vida e diminuindo a exigência sobre as mães, em terem que dar conta de tudo.

Escape em momentos de sobrecarga emocional materna

Esse subtema reúne falas que indicam o uso de telas para criar um espaço entre a mãe e o bebê/criança em momentos de sobrecarga emocional materna. A tela opera, assim, como uma espécie de "terceiro" que proporciona às mães estarem temporariamente "de fora" de seu papel parental, funcionando como um recurso para se reabastecerem emocionalmente. Segue uma fala ilustrativa do subtema, em que a mãe expressa seu sentimento de sobrecarga e o ato de recorrer às telas como tentativa de restabelecer sua própria tranquilidade: "Eu fico pensando, tem hora que é enlouquecedor. Óbvio que você fala: 'meu deus, eu quero colocar TV pra ele me dar um minuto de paz'" (M208, Cr48m, 2).

A vinheta seguinte, por seu turno, sugere que a mãe recorre às telas na tentativa de proteger a criança e as outras pessoas ao seu redor de possíveis reações inadequadas em um momento de sobrecarga emocional:

> Porque às vezes tu precisa, 'pra' conseguir manter a sanidade mental, não sair gritando com todo mundo e [...] às vezes, tu deixar um pouquinho, quinze minutos na frente da televisão, é melhor do que tu perder a cabeça, fazer uma besteira, né? Então acho que, nesse sentido, facilita (M225, Cr56m, 2).

Na segunda etapa da coleta de dados, realizada durante a pandemia, um dos relatos mostra a sobrecarga emocional materna como efeito do isolamento social e, por via de consequência, o uso das mídias digitais como lugar de escape:

> Eu também fiquei muito ansiosa nessa questão, porque na pandemia eu perdi muito o contato com adultos [...] porque daqui a pouco eu virei uma cuidadora 24 horas por dia, sabe? Então a tela não é no sentido de "ah que legal, meu filho vai se desenvolver, vou dar a tela". É tipo: por favor, me deixa quieta dez minutos e pega isso aqui e me deixa quieta. Então eu acho que a questão da tela não é a tela em si, é o por trás da tela, né [...] A lacuna que ela tá tapando (M217, Cr49m, 2).

De acordo com alguns estudos, durante a pandemia, houve a intensificação de sentimentos de desamparo, solidão e impotência, além de maiores níveis de estresse, ansiedade e depressão nas mães (Painter et al., 2023; Pedrotti et al., 2022; Riter et al., 2021; Silva et al., 2022). O relato acima mostra que, nesse contexto, algumas delas buscaram por intervalos que as aliviassem de toda a sobrecarga emocional, o que as levou a ofertar as telas às crianças pequenas.

Apesar disso, não foram observadas mudanças expressivas nas referências maternas a esse subtema entre as duas fases do estudo (Tabela 2). Ressalta-se, ainda, que a frequência do lugar de escape frente à sobrecarga emocional foi inferior à observada nos outros subtemas. É possível que as mães tenham dificuldade de se conectar com esses tipos de sentimentos e/ou de verbalizá-los. Isso ocorre porque está muito presente no discurso social uma idealização da maternidade, que nega as dificuldades, as falhas e a ambivalência intrínseca a essa função (Pesce & Lopes, 2020), conforme explicitado nas diversas falas do presente estudo.

Considerações Finais

O estudo teve como objetivo compreender as práticas maternas relacionadas às mídias digitais ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia da COVID-19. Verificou-se que as telas assumiram diferentes funções na maternidade em ambas as etapas da coleta de dados e, por isso, foram utilizadas pelas mães. O lugar de substitutas temporárias dos cuidadores foi ampliado nos relatos feitos durante a pandemia, quando houve a perda da rede de apoio, enquanto o lugar de auxílio nas tarefas cotidianas de cuidados físicos e emocionais foi mais enfatizado na primeira coleta, quando as crianças tinham de 5 a 33 meses, período em que há maior demanda de cuidados constantes. Portanto, as práticas maternas em relação às mídias digitais se alteraram ao longo do tempo, de modo a atender às necessidades das mães. O lugar de escape em momentos de sobrecarga emocional materna teve menor destaque nas falas das mães em relação aos outros subtemas, assim, não foram observadas mudanças expressivas nesse aspecto, entre as duas etapas.

Os pontos fortes do estudo são a abordagem longitudinal do tema e seu enfoque qualitativo a partir da psicanálise (teoria ainda pouco utilizada em estudos empíricos na área), que possibilitaram analisar as práticas maternas e a forma como as mídias digitais são empregadas pelas mães ao longo do tempo. Em contrapartida, a alteração para a coleta on-line na segunda etapa, assim como a diferença na quantidade de crianças em cada faixa etária nas duas fases da pesquisa (Tabela 1) constituem limitações do estudo, pois podem ter afetado o conteúdo trazido pelas participantes, ao mesmo tempo em que foram necessárias para viabilizar o estudo longitudinal durante a pandemia.

Além disso, é preciso considerar o perfil sociodemográfico das mães, composto por mulheres brancas, de alta escolaridade, em sua maioria, casadas, residentes em capitais e regiões metropolitanas, que exerciam atividades profissionais e que conseguiram, em grande parte, permanecer em isolamento social durante a pandemia. Portanto, os resultados devem ser compreendidos a partir desses marcadores sociais. Diante disso, futuros estudos podem abordar a questão de pesquisa a partir do acesso a participantes com diferentes perfis sociodemográficos.

Certas vinhetas indicaram que algumas mães conseguiram se manter sensíveis às necessidades da criança, mesmo ao recorrer às mídias digitais, provendo um ambiente tecnológico suficientemente bom (Mallmann et al., no prelo). Outras falas mostraram que as telas foram empregadas no intuito de que a criança oferecesse passivamente o corpo para a realização mecânica e instantânea de atividades de cuidado, auxiliando na manutenção da ilusão de que é possível às mães darem conta de tudo – uso esse que, se recorrente, pode ter desdobramentos negativos no processo de amadurecimento emocional. Tais resultados sugerem, na linha do que propõem Mallmann et al. (no prelo), que futuros estudos atentem para essas nuances qualitativas da interação mãe-criança na presença das telas. Por fim, a trajetória de um dos casos indicou que a sensibilidade da mãe às reações da criança frente ao uso de telas promoveu mudanças na prática de oferecer mídias digitais durante a alimentação, com o passar do tempo, podendo ser uma direção para estudos de intervenção na área.

Entre as implicações práticas do estudo, destaca-se a importância de intervir preventivamente, proporcionando maior atenção e cuidado às necessidades maternas durante a primeira infância. Quando as telas ocupam reiteradamente o lugar de escape diante de sobrecarga emocional, por exemplo, a escuta e o suporte às mães podem auxiliá-las a encontrar outras formas de lidar com esses sentimentos e desafios, sem expor bebês e crianças pequenas aos riscos do uso precoce e excessivo desses dispositivos. Nesse sentido, são importantes momentos de escuta e acolhimento tanto na transição para a maternidade quanto nos primeiros anos de vida da criança, quando as mudanças psicológicas são intensas, requerendo toda uma reorganização interna e externa da mãe, além de intensa disponibilidade física e emocional para o cuidado do bebê e da criança pequena. A importância do auxílio às mães em relação aos desafios próprios do desenvolvimento infantil, como introdução alimentar, aquisição de maior mobilidade, luta pela independência e negativismo também constitui uma implicação prática do estudo, afinal, as evidências demonstram que o emprego de telas pelas mães se relaciona com a necessidade de elas se adaptarem a essas mudanças, decorrentes dos processos de maturação e do desenvolvimento infantil.

Os resultados apontam, ainda, que o isolamento social durante a pandemia operou como uma lente de aumento, expondo os efeitos da falta de acesso a redes de apoio no cuidado à criança, com reflexos nas práticas maternas quanto

às mídias digitais, com maior exposição de crianças pequenas a telas. Para a grande maioria das participantes do estudo, essa foi uma realidade circunscrita ao contexto da pandemia, mas muitas mães brasileiras convivem, rotineiramente, com a falta de creches, escolas, apoio do companheiro ou laços comunitários e sociais que as amparem na tarefa de prover um ambiente suficientemente bom para seus filhos e filhas. Outra implicação prática do estudo, portanto, é o incentivo a políticas públicas de fortalecimento da rede de apoio no cuidado à criança, bem como o auxílio à capacidade materna de estruturar e permitir a atuação dessa rede.

Por fim, é válido questionar, a partir dos resultados obtidos, se as mídias digitais vêm funcionando como uma nova tentativa de solucionar antigos desafios da maternidade. Entre eles, estão a necessidade de (re)adaptação constante à criança, alguns comportamentos típicos do desenvolvimento infantil, que podem se tornar desafiadores para as mães, as desigualdades de gênero na divisão de tarefas domésticas e de cuidado, bem como a falta de acesso a redes de apoio. Conforme uma das participantes do estudo retratou: "[...] a questão da tela não é a tela em si, é o por trás da tela, né [...] A lacuna que ela tá tapando" (M217, Cr49m, 2). Dessa forma, cabe a pesquisadores e profissionais da área compreenderem que lacunas são essas e de que forma é possível superá-las.

Referências

American Academy of Pediatrics. (2009). *Temper tantrums: A normal part of growing up*. https://www.heardalliance.org/wp-content/uploads/2011/04/Parenting-Temper-Tantrums.pdf

American Psychological Association. (2019). Digital media. *Thesaurus of psychological index terms*. https://psycnet-apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media

Azevedo, E. C., Riter, H. S., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2022). Digital media use on interactions between mother and child: Differences in infants' early years. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *32*, 1-10. https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210

Barroso, H. C., & Gama, M. S. B. (2020). A crise tem rosto de mulher: Como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. *Revista do CEAM*, *6*(1), 84-94. https://doi.org/10.5281/zenodo.3953300

Bassols, A. M. S., Dieder, A. L., Czekster, M. V., & Pereira, M. P. (2013). A criança pré-escolar. In C. L. Eizirik & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 127-141). Artmed.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77-101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic analysis. In P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of research methods in health social sciences* (pp. 843-860). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103

Braun, V., & Clarke, V. (s.d.). FAQs. Thematic Analysis. https://www.thematicanalysis.net/faqs/

Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil.* Martins Fontes.

Borsa, J. C. (2007). Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (2), 310-321.

Campana, N., & Gomes, I. (2019). A study about the characteristics of the contemporary parental exercise and care network. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *36*, 1-12. https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e190028

Cherer, E. de Q., Sonego, J. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2018). A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê. *Psico*, *49*(2), 127-136.

Craig, L., & Mullan, K. (2011). How mothers and fathers share childcare. *American Sociological Review, 76*(6), 834–861. https://doi.org/10.1177/0003122411427673

Coyne, S. M., Holmgren, H. G., Shawcroft, J. E., Barr, R., Davis, E., Ashby, S., & Domoff, S. (2022). ABCs or attack–boom–crash? A longitudinal analysis of associations between media content and the development of problematic media use in early childhood. *Technology, Mind, and Behavior*, *3*(4). https://doi.org/10.1037/tmb0000093

Cost, K. T., Korczak, D., Charach, A., Birken, C., Maguire, J. L., Parkin, P. C., & Szatmari, P. (2020). Association of parental and contextual stressors with child screen exposure and child screen exposure combined with feeding. *JAMA Network Open*, *3*(2), 1-13. https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2019.20557

Dunker, C. I. L. (2017). Intoxicação digital infantil. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 117-145). Ágalma.

Goldschmied, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche*. Artmed.

Guimarães, S. S. M. L., & Daou, S. Z. (2021). Divisão sexual do trabalho, trabalho reprodutivo e as assimetrias de gênero na pandemia da Covid-19. *Direito e Sexualidade, 2*(1), 110-133. https://doi.org/10.9771/revdirsex.v2i1.42979

Gutman, L. (2013). *A maternidade e o encontro com a própria sombra.* BestSeller.

Hoewell, A. G. (2022). *Maternidade e trabalho: Atravessamentos dos discursos sociais em falas de mulheres durante a pandemia do Covid-19* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. https://hdl.handle.net/10183/250601

Iaconelli, V. (2021). Sobre as origens: Muito além da mãe. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 11-20). Autêntica.

Jerusalinsky, J. (2017). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 39-55). Ágalma.

Lev, Y. B., Elias, N., & Levy, S. T. (2018). Development of infants' media habits in the age of digital parenting: A longitudinal study of Jonathan, from the age of 6 to 27 months. In: G. Mascheroni, C. Ponte, & A. Jorge (Eds.), *Digital parenting: The challenges for families in the digital age* (pp. 103-112). Nordicom.

Lev, Y. B., & Elias, N. (2020). Digital Parenting: Media uses in parenting routines during the first two years of life. *Studies in Media and Communication, 8*(2), 41-48. https://doi.org/10.11114/smc.v8i2.5050

Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA Publications and Communications Board task force report. *American Psychologist*, *73*(1), 26-46. https://doi.org/10.1037/amp0000151

Lopes, R. de C. S., Vivian, A. G., Oliveira, D. S., Deluchi, M., Piccinini, C. A., & Tudge, J. (2012). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança entre 24 e 28 meses. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *29*(supl. 1), 737-749. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500010

Mallmann, M. Y., & Frizzo, G. B. (2019). O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: Um mal necessário? *Revista Cocar*, *13*(7), 131-150. https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2789

Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Levandowski, D. C., & Frizzo, G. B. (no prelo). A importância da função de mãe suficientemente boa para o desenvolvimento do bebê no ambiente tecnológico da atualidade. *Tempo Psicanalítico*.

Mendes, R. (2015). Smartphones – objeto transicional e conectividade de um novo espaço potencial. *Estudos de Psicanálise*, (44), 133-144. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200015

Painter, F. L., Booth, A. T., Letcher, P., Olsson, C. A., & McIntosh, J. E. (2023). The lived experience of stress for parents in the context of COVID-19–related disruption. *Family Relations*, *72*(4), 1511-1531. https://doi.org/10.1111/fare.12867

Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., Silva, C., Vescovi, G., Marques, F. M., Riter, H. S., & Frizzo, G. B. (2022). Infants' and toddlers' digital media use and mothers' mental health: A comparative study before and during the COVID-19 pandemic. *Infant Mental Health Journal*, *43*(1), 24-35. https://doi.org/10.1002/imhj.21952

Pesce, L. R., & Lopes, R. de C. S. (2020). "O lado B da maternidade": Um estudo qualitativo a partir de blogs. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 20*(1), 205-230. http://doi.org/10.12957/epp.2020.50825

Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T., & Lopes, R. de C. S. (2008). Gestação e constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo, 3*(1), 63-72.

QSR International. (2021). *NVivo qualitative data analysis software* (Versão 1.5.1) [Software de computador]. QSR International. https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home/

Riter, H. S. (2021). *Mídias digitais e famílias com bebês na pandemia de COVID-19: Mudanças no padrão de uso e variáveis parentais* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. https://hdl.handle.net/10183/226190

Riter, H. S., Almeida, M. L., Vescovi, G., Marques, F. M., Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., & Frizzo, G. B. (2021). Symptoms of common mental disorders in Brazilian parents during the COVID-19 pandemic: Associated factors. *Psychological Studies*, *66*(3), 270-279. https://doi.org/10.1007/s12646-021-00609-8

Robson, C. (2002). *Real world research: A resource for users of social research methods in applied settings* (2ª ed.). Blackwell.

Rocha, B. & Nunes, C. (2020). Benefits and damages of the use of touchscreen devices for the development and behavior of children under 5 years old: A systematic review. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *33(1)*, 1-10. http://doi.org/10.1186/s41155-020-00163-8

Serralha, C. A. (2017). A teoria do amadurecimento e as novas configurações familiares. *Natureza Humana*, *19*(2), 163-177. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000200010

Silva, M. da R., Kessler, J. Á., Sartoretto, C. R., & Ferrari, A. G. (2022). Desamparo em relatos: Mulheres que são mães na pandemia de COVID-19. *Affectio Societatis*, *19*(37), 1-22. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9921485

Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 79-87). Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)

Winnicott, D. W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (pp. 269 - 285). Francisco Alves (Original publicado em 1945).

Winnicott, D. W. (1993). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (pp. 389 - 408). Francisco Alves (Original publicado em 1951).

Winnicott, D. W. (1993). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (pp. 491 - 498). Francisco Alves (Original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2011). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 21 - 28). Martins Fontes (Original publicado em 1960).

Wikle, J., & Cullen, C. (2023). The developmental course of parental time investments in children from infancy to late adolescence. *Social Sciences*, *12*(2), 1-21. https://doi.org/10.3390/socsci12020092

Contribuição dos Autores

Marques, F. M.: Conceitualização, Metodologia, Redação – rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Frizzo, G. B.: Conceitualização, Metodologia, Supervisão, Escrita – revisão e edição.

Fonte de Financiamento

Este trabalho não contou com suporte financeiro ou financiamento específico de agências de fomento.

Conflito de Interesses

Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade

A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref.*

Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares

Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável

Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados

Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X